



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO CCE
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

**Mateus Bitencourt Boaventura
Taynara de Oliveira Macedo**

*¡Che, Floripa!
Histórias argentinas em Florianópolis*

**RELATÓRIO TÉCNICO
do Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à disciplina de *Projetos Experimentais*
ministrada pelo Prof. Dr. Fernando Crocomo
no primeiro semestre de 2016
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Cárilda Emerim**

**Florianópolis
Julho de 2016**

FICHA DO TCC	Trabalho de Conclusão de Curso JORNALISMO UFSC		
ANO	2016.1		
ALUNOS	Mateus Bitencourt Boaventura e Taynara de Oliveira Macedo		
TÍTULO	;Che, Floripa! Histórias argentinas em Florianópolis		
ORIENTADOR	Cárlida Emerim		
MÍDIA	<input type="checkbox"/>	Impresso	
	<input type="checkbox"/>	Rádio	
	<input checked="" type="checkbox"/>	TV/Vídeo	
	<input type="checkbox"/>	Foto	
	<input type="checkbox"/>	Website	
	<input type="checkbox"/>	Multimídia	
CATEGORIA	<input type="checkbox"/>	Pesquisa Científica	
	<input type="checkbox"/>	Produto Comunicacional	
	<input type="checkbox"/>	Produto Institucional (assessoria de imprensa)	
	<input checked="" type="checkbox"/>	Produto Jornalístico (inteiro)	Local da apuração:
	<input type="checkbox"/>	Reportagem livro-reportagem ()	(X) Florianópolis () Brasil () Santa Catarina () Internacional () Região Sul País: _____
ÁREAS	Imigração; Cultura; Comunicação; Jornalismo.		
RESUMO	<p>Este trabalho de conclusão de curso em videodocumentário conta histórias de vida de argentinos que residem em Florianópolis. Estudos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que os argentinos são o maior número de imigrantes na capital catarinense e, diante dessa realidade, o trabalho buscou entender o perfil desses imigrantes. Assim, o videodocumentário apresenta os argentinos que residem em Florianópolis, sob dois aspectos: (1) como se adaptam à cidade os imigrantes argentinos; e (2) qual o perfil diferencial considerando o <i>status</i> social e econômico. Para tanto, a metodologia utilizada neste trabalho, fundado nas práticas do jornalismo e da história oral, através da técnica de história de vida, emprega as entrevistas com vários personagens argentinos residentes da capital catarinense como instrumento de base para o restabelecimento desta história recente.</p>		

SUMÁRIO

1. RESUMO	7
2. APRESENTAÇÃO DO TEMA	8
2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA.....	8
2.2 ESCOLHA DO TEMA	12
2.3 ESCOLHA DO FORMATO	14
2.4 OBJETIVOS	15
2.4.1 Objetivo geral.....	15
2.4.2 Objetivos específicos	15
3. PROCESSO DE PRODUÇÃO	16
3.1 PRÉ-APURAÇÃO	16
3.2 APURAÇÃO/GRAVAÇÕES	17
3.2.1 Fontes.....	17
3.2.2 Estrutura narrativa.....	21
3.3 EDIÇÃO/FINALIZAÇÃO.....	22
4. RECURSOS	24
4.1 EQUIPAMENTOS.....	24
4.2 OUTROS.....	26
4.3 VEICULAÇÃO E VIABILIDADE	27
5. DIFICULDADES, DESAFIOS E APRENDIZADO	28
6. REFERÊNCIAS	29
7. ANEXOS	31

1 RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso em videodocumentário conta histórias de vida de argentinos que residem em Florianópolis. Estudos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que os argentinos são o maior número de imigrantes na capital catarinense e, diante dessa realidade, o trabalho buscou entender o perfil desses imigrantes. Assim, o videodocumentário apresenta os argentinos que residem em Florianópolis, sob três aspectos: (1) como se adaptam à cidade os imigrantes argentinos; e (2) qual o perfil diferencial considerando o *status* social e econômico. Para tanto, a metodologia utilizada neste trabalho, fundado nas práticas do jornalismo e da história oral, através da técnica de história de vida, emprega as entrevistas com vários personagens argentinos residentes da capital catarinense como instrumento de base para o restabelecimento desta história recente.

Palavras-chave: Jornalismo. Imigrantes argentinos. Florianópolis. Videodocumentário. História oral.

2 APRESENTAÇÃO DO TEMA

Este Trabalho de Conclusão de Curso em videodocumentário se propõe a contar histórias de vida de argentinos residentes em Florianópolis, com o objetivo de mostrar a trajetória dessas pessoas, fugindo da abordagem mais tradicional, sobre o turismo, através de entrevistas com fontes de diversos perfis. Para diferenciar a abordagem optou-se por tratar as entrevistas de forma mais humanizada, visando problematizar aspectos como estereótipos pré-concebidos em relação a esses imigrantes e as vivências que eles têm da realidade à qual estão inseridos. Para tanto, as entrevistas aconteceram, na maioria das vezes, nas casas ou nos locais de trabalho dos personagens para melhor situar suas histórias e mostrar as características culturais e singularidades de cada um.

O videodocumentário tem 37 minutos de duração e foi gravado em *Full HD* (formato HD 1080p30).

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

De acordo com o último Censo Demográfico do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), publicado em 2010, das 52 nacionalidades que formam o grupo de 3.566 estrangeiros na capital catarinense, os argentinos estão em maior número (1.043), seguidos de uruguaios (878) e portugueses (291). Como o Censo Demográfico é realizado a cada 10 anos, estima-se que este número seja ainda maior, segundo dados do Consulado República Argentina em Florianópolis.

Atualmente, Santa Catarina é o terceiro estado com a maior população argentina residente no Brasil, segundo dados levantados pelo Consulado da República Argentina em Florianópolis, em 2015. Em primeiro lugar, está o estado de São Paulo, seguido do Rio de Janeiro, e em terceiro encontra-se Santa Catarina, com estimativa de dez mil imigrantes dessa nacionalidade.

Desses, aproximadamente sete mil argentinos residem na capital, de acordo com a estimativa que se dá através das tramitações consulares.

De acordo com Schmeil (1994), a partir da década de 70 o fluxo do turismo argentino começou a crescer muito até 1980, ano em que ocorreu o *boom* da movimentação de argentinos em Florianópolis. Em decorrência da liberação econômica naquele período, e mais tarde com um plano econômico que igualou o peso argentino ao dólar, a moeda argentina passou a ter maior poder de compra que a brasileira, fato que fez com que muitos argentinos viajassem a Florianópolis não apenas para fazer turismo, mas também para fazer compras. Depois desse período, em que a moeda argentina valia mais que a brasileira, a vinda de argentinos, na década de 80 como um todo, mesclou-se de altos e baixos em função da inversão dessa situação.

Aproximadamente entre 1982 e 1986, houve momentos em que a moeda brasileira esteve estável e os brasileiros foram à Argentina fazer suas compras. E, em consequência, os argentinos deixaram de vir para Florianópolis. (SCHMEIL,1994, p.48).

Após constantes episódios políticos que desencadearam a crise na Argentina, em 1983 Raúl Ricardo Alfonsín da União Cívica Radical (UCR) assumiu o poder, e houve a transição do regime militar para o democrático. Nesse contexto, o descontrole da autoridade monetária fez com que a taxa de inflação variasse de 90,1% a 3.070% entre 1985 e 1990, período em que muitos argentinos saíram de seu país em busca de estabilidade financeira.

Com o crescente poder dos grupos financeiros e um mecanismo de endividamento externo incontrolável, Alfonsín cedeu frente as receitas liberais e não conseguiu redirecionar uma economia desindustrializada e anêmica. Com pouco apoio social, diante de um peronismo conspiratório e com grupos econômicos contra, a hiperinflação obrigou

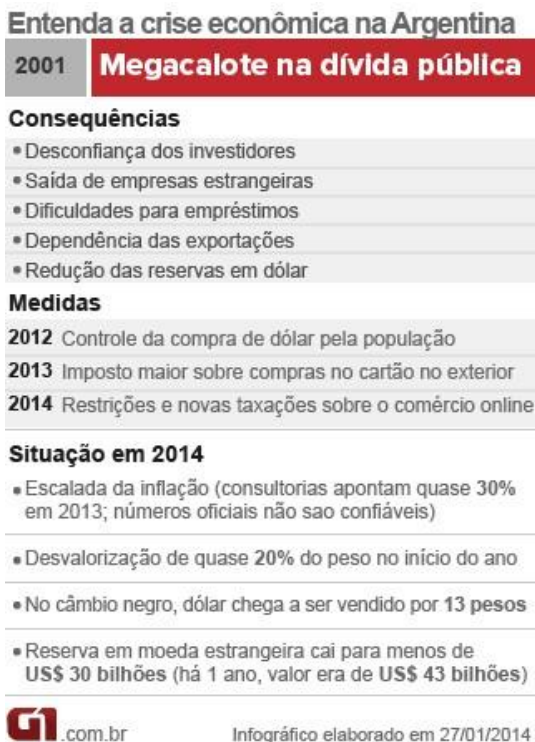
Alfonsín a renunciar antes do tempo. Estava por vir o período do "menemismo".[...]
A privatização de empresas estatais, como YPF, Aerolíneas Argentinas, Entel, Gas del Estado, entre outras, foi acompanhada por uma abertura indiscriminada do mercado aos produtos e capitais estrangeiros e por uma política de "relações carnavais" com os Estados Unidos. O projeto se completou com o Plano de Convertibilidade monetária impulsionado por Domingo Cavallo e as renegociações da dívida externa, que provocaram maior dependência e endividamento. O modelo despertou o apoio dos setores médios, que inicialmente se viram beneficiados pela política monetária e de importação. Rapidamente começaram a aparecer os efeitos devastadores em termos sociais e culturais, com uma explosão do desemprego e da pobreza, e com a visível impunidade da corrupção em grande escala. (PIGNA, 2015)¹.²

Em 1991, o então ministro da Economia, Domingo Cavallo, lançou o Plano de Conversibilidade para zerar a inflação, em que um peso passou a valer US\$ 1. O país apresentou melhora, mas uma crescente dívida externa foi adquirida. De 1991 a 1994, os baixos juros nos EUA contribuíram para a sobrevivência do Plano de Conversibilidade, estimulando investimentos mundialmente. Em 1999, a desvalorização do real pôs fim ao que sustentava o plano Cavallo, que já vinha enfraquecendo, e as exportações argentinas se tornaram caras.

¹ Documento eletrônico não paginado.

²[...] Con el creciente poderío de los grupos financieros y un mecanismo de endeudamiento externo incontrolable, Alfonsín cedió ante las recetas liberales y no logró reencauzar una economía desindustrializada y anémica. Con escaso apoyo social, frente a un peronismo conspirativo y con los grupos económicos en contra, la hiperinflación obligó a Alfonsín a renunciar antes de tiempo. Vendría el tiempo del "menemato". [...] La privatización de empresas estatales, como YPF, Aerolíneas Argentinas, Entel, Gas del Estado, entre otras, fue acompañada por una apertura indiscriminada del mercado a los productos y capitales extranjeros y por una política de "relaciones carnales" con los Estados Unidos. El proyecto se completó con el Plan de Convertibilidad monetaria impulsado por Domingo Cavallo y las renegociaciones de la deuda externa, que provocaron una mayor dependencia y endeudamiento. El modelo suscitó el apoyo de los sectores medios, que inicialmente se vieron beneficiados por la política monetaria y de importación. Pero pronto comenzaron a hacerse visibles los efectos devastadores en términos sociales y culturales, con una explosión de la desocupación y de la pobreza, y con la visibilidad e impunidad de la corrupción a gran escala. (PIGNA, [199-]. Acceso em: 5 de outubro de 2015).

A imagem a seguir, publicada em matéria no portal G1 em 24 de outubro de 2014, traz um resumo que retrata brevemente alguns episódios que marcaram os períodos de crise na Argentina.



Foram diversos episódios que acabaram ocasionando a instabilidade financeira do país, porém não foram fatores determinantes para parte de argentinos que decidiram viver em outros países.

2.2 ESCOLHA DO TEMA

Vimos para Florianópolis em 2011, no primeiro e segundo semestres letivos. Ambos somos de diferentes municípios – Jaguaruna, estado de Santa Catarina, e Caraguatatuba, estado de São Paulo – e a nós foi perceptível o estranhamento da população local em relação aos estrangeiros.

A questão dos argentinos é diferente, pois, além das justificativas frequentes levantadas acerca dos processos de imigração, há também uma rivalidade histórica pautada por questões culturais, como o futebol.

Ao longo da graduação nos foi proporcionado, em 2014, um intercâmbio para a Argentina. Viajamos para Corrientes, capital da província de mesmo nome, situada no nordeste argentino. Cada um passou um período de cinco meses estudando na *Universidad Nacional del Nordeste*. Já em 2015, ao regressarmos a Florianópolis e começarmos a pensar no tema para o TCC, retomamos amizades argentinas daqui e as ampliamos a partir dos contatos que fizemos lá, e a temática dos argentinos, pessoalmente, começou a ficar mais evidente devido a nossa inserção.

Esta vivência nos uniu e de certa forma definiu o tema sobre os argentinos em Florianópolis. A segunda etapa, depois de definido o tema, foi entender a abordagem que poderíamos trazer para o TCC.

O domínio do idioma espanhol e o interesse em conhecer ainda mais a cultura e o estilo de vida dos argentinos facilitaram o contato e a aproximação com os entrevistados.

Durante o segundo semestre de 2015, ao lapidarmos o tema do então Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso para a disciplina de *Técnicas de Projetos em Comunicação*, decidimos entrevistar, além dos imigrantes argentinos, turistas que passariam a temporada de verão em Florianópolis, representantes da Secretaria Municipal de Turismo, Pastoral do Migrante da

Arquidiocese de Florianópolis e do Consulado da República Argentina em Florianópolis, para conhecer o perfil dos argentinos na Capital de SC.

Uma parte essencial durante a disciplina de *Técnicas de Projetos em Comunicação* é fazer uma revisão bibliográfica e uma apuração sobre o tema para saber como ele já foi abordado. Nessa etapa, percebemos que as abordagens sobre o turismo e a movimentação financeira na temporada de verão eram recorrentes. A convivência com vários argentinos, aqui e na Argentina, nos fez entender que havia outras histórias sobre esses imigrantes que ainda não tinham sido contadas.

No período de férias de verão, entre janeiro e março de 2016, começamos as gravações, e depois de algumas entrevistas tivemos a certeza de que contar as histórias de argentinos residentes na capital catarinense e entender o papel de imigrantes na cidade seriam uma abordagem inédita e extremamente interessante, pois traria uma visão mais humanizada dessas pessoas que decidem, por diferentes motivos, construir suas vidas em Florianópolis.

Este Trabalho de Conclusão de Curso se propõe a contar histórias de vida de argentinos que residem em Florianópolis sob dois aspectos: (1) como se adaptam à cidade os imigrantes argentinos; e (2) qual o perfil diferencial considerando o *status* social e econômico. A metodologia empregada neste trabalho fundamenta-se no jornalismo e na história oral, com entrevistas, selecionando vários personagens argentinos que residem na capital catarinense.

Para Queiroz (1987), o relato oral tem sido a maior fonte humana de conservação e difusão do saber, ou seja, a maior fonte de dados para a ciência em geral; a palavra antecedeu o desenho e a escrita, e esta, quando inventada, não foi mais do que uma cristalização do relato oral.

2.3 ESCOLHA DO FORMATO

Optamos pelo formato em videodocumentário por oferecer a possibilidade de narrativa audiovisual de forma abrangente, podendo contar com recursos sonoros e visuais. O cineasta Bill Nichols (2005) divide os documentários em dois tipos: os de satisfação de desejos e os de representação social. Neste trabalho buscamos nos prender à segunda definição, documentários de representação social, que proporcionam novas visões de um mundo comum, para que as exploremos e as compreendamos, como proposto por este videodocumentário.

Literalmente os documentários dão-nos a capacidade de ver questões oportunas que necessitam de atenção. Vemos visões (fílmicas) do mundo. Essas visões colocam diante de nós questões sociais e atualidades, problemas recorrentes e soluções possíveis. O vínculo entre o documentário e o mundo histórico é forte e profundo. O documentário acrescenta uma nova dimensão à memória popular e à história social. (NICHOLS, 2005, p.27).

O tema do videodocumentário ainda não foi tratado em vídeo e nem em formato documental, o que ratificou a escolha deste formato para a produção. Outra justificativa para a escolha do formato deve-se à questão da divulgação e disponibilidade do videodocumentário para diferentes públicos. Além disso, o vídeo tem um formato de maior interesse do público comum, o que permite potencializar a visibilidade pela internet e em outros meios audiovisuais.

Para o jornalismo que queira contar histórias aprofundadas, buscando essa sensibilização das pessoas pela humanização dos personagens, o vídeo ainda parece ser o formato ideal para isso.

2.4 OBJETIVOS

2.4.1 Objetivo geral

Conhecer e mostrar os imigrantes argentinos que vivem em Florianópolis, visando oferecer ao espectador as trajetórias de vida destas pessoas.

2.4.2 Objetivos específicos

- 1) Conhecer como se deu a adaptação dos imigrantes argentinos que vivem em Florianópolis, de acordo com suas histórias de vida;
- 2) Diferenciar os perfis de argentinos de acordo com o *status* social e econômico.

3. PROCESSO DE PRODUÇÃO

Após amadurecermos o tema e decidirmos sobre o formato em que iríamos trabalhar, refletimos, principalmente, como seria o roteiro do videodocumentário para que pudesse dar conta de nossa proposta. Assim, justificamos novamente o uso da história oral nesta prática do jornalismo, porque enquanto o jornalismo nos exige um percurso mais operacional, com apuração aprofundada e averiguação de contraponto, a história oral permite focar em apenas um âmbito da história, pois ela considera essa trajetória de vida um modo também legítimo de contar sobre o mundo. E como o fundamento dessa técnica é a entrevista, ponto de partida também do jornalismo, ambas se encontram nessa função fundamental.

3.1 PRÉ-APURAÇÃO

A pré-apuração começou na disciplina de *Projetos Experimentais em Comunicação*, no segundo semestre letivo de 2015. Em setembro do mesmo ano, decidimos fazer o trabalho em dupla e, desde então, passamos a dividir as tarefas para um bom desempenho na produção.

Na primeira etapa, fizemos o projeto experimental para planejar a execução do produto final e iniciamos a busca por fontes. Em paralelo, pesquisamos trabalhos, documentos e bibliografia necessários para a apuração e assistimos a muitos documentários com diversas abordagens para ampliarmos nossas referências.

A clípgem feita para procurar trabalhos cuja temática fosse similar à do nosso projeto de TCC nos ajudou a conhecer a linguagem abordada, muitas vezes carregada de estereótipos sobre os argentinos, e nos mostrar o quanto esse tema é pouco retratado.

A pré-apuração foi uma etapa decisiva para o nosso trabalho, pois percebemos que não seria possível realizar a ideia inicial do

videodocumentário, que era usar o gancho do turismo mesclado aos imigrantes argentinos residentes na Ilha de SC. Santa Catarina obteve números recordes de turistas argentinos no último verão. Separamos nosso interesse – imigrantes argentinos – e decidimos começar a gravar.

Dados do Instituto Brasileiro de Turismo (Embratur) mostram uma temporada recorde em número de argentinos no Brasil: dois milhões de turistas de férias no país, algo que só havia ocorrido há dez anos, em 2006.

3.2 APURAÇÃO/GRAVAÇÕES

3.2.1 Fontes

No total realizamos 15 entrevistas, gravadas com 17 fontes. Foram elas: uma fonte oficial, representando o Consulado da República Argentina em Florianópolis, e 16 fontes independentes (argentinos residentes em Florianópolis). As gravações de entrevistas ocorreram no período de 15 de março a 5 de junho.

Além dessas pessoas, consultamos fontes documentais, como a bibliografia encontrada sobre argentinos em Florianópolis, informações pesquisadas em documentos e o Censo Demográfico do IBGE, conforme explicitado nas referências bibliográficas.

Quanto à escolha dos 17 argentinos entrevistados, optamos por dar voz a eles com o objetivo de expor a diversidade de histórias, perfis e visões sobre Florianópolis. Assim, selecionamos homens e mulheres de diferentes faixas etárias e posições socioeconômicas.

Em aula proferida pela orientadora, professora Cárilda Emerim, no período prévio às gravações, vimos que a técnica da conversação com as fontes permite abordar o entrevistado sobre sua experiência e memória. Ocorre através de um trabalho de campo no qual é essencial perceber as relações que se estabelecem entre o entrevistador e os sujeitos que se colocam à disposição para compartilhar os fatos de sua vida. Um fator importante a

ser observado pelo repórter é o espaço físico onde serão realizadas as entrevistas; esse deve permitir que o diálogo possa ser realizado de forma espontânea e ao mesmo tempo reservada. Por tais motivos, optamos por entrevistar as fontes onde moravam ou trabalhavam, desde que fosse um ambiente amigável e não atrapalhasse seu desempenho.

Segundo Verena (2005), a história oral possui três grandes vertentes, que utilizam modelos de entrevista com regras específicas para se obterem as informações que objetivam. Sendo elas a história de vida, que consiste em ouvir a própria história do entrevistado, para que se possa absorver em algum dado momento as informações necessárias para desenvolver seu estudo; a narrativa, que desenvolve o mesmo processo, porém, tendo um objeto específico a ser considerado durante seu relato; e a trajetória de vida, que busca através do depoimento do entrevistado elucidar a problemática de interesse.

Optamos também por ouvir somente argentinos devido à quantidade de produtos jornalísticos – matérias impressas, televisivas e *on-line* – já encontrados com os dois lados, em que, geralmente, o argentino opina, mas o brasileiro é o que dá a voz da opinião sobressalente. O uso do termo “invasão argentina” é muito utilizado pelos meios de comunicação, tanto quando diz respeito ao período de turismo, quanto para a imigração, como observamos na clipagem realizada para este trabalho.

No início, conseguimos alguns contatos de fontes de amigos e do, à época, cônsul da Argentina em Florianópolis, Alejandro Verdier. Tomamos conhecimento de possíveis fontes também com diálogos informais em festas, feiras e praias, onde perguntávamos, após ouvir o sotaque aparentemente espanhol, a nacionalidade da pessoa. Algumas dessas pessoas concordaram em dar seus depoimentos. Posteriormente, os próprios entrevistados nos indicavam conhecidos para fazermos o contato. Abaixo apresenta-se a lista dos entrevistados, com uma breve descrição biográfica de cada um:

Raul Antelo, natural da Cidade Autônoma de Buenos Aires, capital da província de Buenos Aires, chegou em 1982. Professor de literatura brasileira, é escritor e crítico literário dono de diversos prêmios como o de Destaque Pesquisador UFSC 50 Anos e Honoris Causa da *Universidad Nacional de Cuyo*. Luta pela integração dos saberes das culturas literárias argentina e brasileira.

Julia Arias, natural de Formosa, capital da província de mesmo nome, chegou no ano de 1985. Hoje, cuida de propriedades de clientes argentinos em Florianópolis.

Monica Marcon, natural da cidade Rafaela, província de Santa Fé, chegou em 1989. Artesã, veio para Florianópolis com o marido uruguaio e dois filhos. A família ainda ganhou mais um integrante, o filho caçula brasileiro.

Roberto Galeano, natural da Cidade Autônoma de Buenos Aires, província de Buenos Aires, chegou em 1996. Professor e tradutor, chegou à Ilha quando o mais comum para os argentinos era ir a Balneário Camboriú. Casou-se com uma catarinense e desde então adotou a cidade como seu lar.

Chichita de Erquiaga, natural da Cidade Autônoma de Buenos Aires, província de Buenos Aires, chegou em 2001. Cozinheira e comunicadora, trabalhou durante 40 anos (1961 - 2001) na TV argentina em programas de culinária. Tem mais de 8 milhões de exemplares de livros e fascículos vendidos pelo mundo. Com a crise de 2001 na Argentina, veio para o Brasil e, deste então, vive em Florianópolis.

Sandra Saravia, natural da capital São Salvador de Jujuy, província de Jujuy, chegou em 2001. Arquiteta, atua em projetos, interiores e paisagismo.

Valentina Pomba, natural de Rafaela, província de Santa Fé. Chegou em 2001 com a família. Fez faculdade aqui e voltou para a Argentina, onde

conheceu seu marido Gabriel Ferraudó. Ambos vieram para o Brasil em 2009 e desde então residem em Florianópolis.

Gabriel Nicolas Ferraudó, natural de Rafaela, província de Santa Fé. Chegou em 2009 junto à namorada Valentina. É programador.

Claudio Budnikar, natural da Cidade Autônoma de Buenos Aires, província de Buenos Aires, chegou em 2002. Professor de Espanhol para estrangeiros, criou a cartilha “Hispano-luso”, que contém falsos cognatos em espanhol e português, com ilustrações e significados de cada um para ambos idiomas.

Ricardo Agüero, natural da Cidade Autônoma de Buenos Aires, província de Buenos Aires, chegou em 2004. Diretor técnico do Costão Golf (clube de golfe de Florianópolis), é um dos entusiastas do esporte que voltou a ser olímpico depois de mais de um século.

Roberto Meza Niella, natural de Corrientes, capital da província de mesmo nome, chegou em 2009. Perito criminal, é especialista em investigação de crimes de lesa-humanidade indicado pela ONU Brasil para a Comissão Nacional da Verdade. Niella é uma das maiores referências na perícia criminal latino-americana.

Laura Rodriguez, natural da Cidade Autônoma de Buenos Aires, província de Buenos Aires, chegou em 2010. Grafóloga forense, veio para veranear em Florianópolis e decidiu ficar. Trabalha numa pousada, situada no norte da Ilha, onde os donos argentinos ficam somente na temporada de verão e depois retornam ao seu país.

Karen Widla, natural de Posadas, capital da província de Misiones, chegou em 2010. Veio com a família, mas decidiu ficar em Florianópolis mesmo depois que a mãe voltou para a Argentina. Estuda no Instituto de Estadual de Educação e pretende passar no curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina.

Maria Laura Widla, natural de Posadas, capital da província de Misiones, chegou em 2010. Irmã mais velha de Karen, juntas decidiram ficar em Florianópolis. Casou-se com um brasileiro e trabalha como recepcionista numa academia de ginástica.

Alejandro Verdier, natural da Cidade Autônoma de Buenos Aires, província de Buenos Aires, chegou em 2013. Ex-cônsul da Argentina em Florianópolis, viveu durante cinco anos no Brasil, exercendo funções consulares nos municípios do Rio de Janeiro e Florianópolis.

Guillermo Grossi, natural da Cidade Autônoma de Buenos Aires, província de Buenos Aires, chegou em 2013. Técnico em informática, ele ganha a vida com vários trabalhos informais pela Ilha. Prefere ganhar menos em Florianópolis a ir à "loucura" dos grandes centros.

Marcela Izraelson, natural da Cidade Autônoma de Buenos Aires, província de Buenos Aires, chegou em 2016. Formada em Relações Públicas, atualmente leciona inglês por Skype® para alunos brasileiros.

3.2.2 Estrutura narrativa

O formato e a estrutura narrativa foram pensados durante todo o processo de pré-produção, juntamente com a orientadora, e redefinidos durante a edição. Algumas ideias surgiram ao longo do processo e outras, que inicialmente nos pareciam muito interessantes, foram descartadas.

O videodocumentário tem 37 minutos de duração e conta a história dos 17 argentinos entrevistados por ordem cronológica (dos que chegaram antigamente para os que chegaram recentemente) num primeiro momento, para depois mesclá-las de maneira que as temáticas das entrevistas coincidam. No início, há uma exceção: a fonte que chegou em maio de 2016 aparece fechando o carro cheio de malas rumo a Florianópolis, com seu namorado brasileiro. Acreditamos que a imagem de sua entrada na Ilha de Santa Catarina, após horas de viagem, mostrando a ponte e sua chegada, é

impactante e decidimos abrir assim o videodocumentário. Essa escolha deu-se também a fim de despertar a curiosidade do espectador acerca do destino do casal.

Em seguida, vêm as histórias dos argentinos, em ordem do mais antigo para o que chegou recentemente. Tais histórias são contadas sempre de maneira dinâmica, procurando conter imagens de apoio, contraplanos para dar movimento às cenas e não causar monotonia aos relatos.

Desde o início sabíamos que o videodocumentário seria baseado em relatos dos próprios argentinos e acreditamos que essa foi uma das decisões mais importantes, pois queríamos trazer seus pontos de vista.

A ausência de fontes de autoridades e especialistas foi a opção escolhida para dar voz a um grupo que, muitas vezes, é invisibilizado e tratado com preconceitos. Assim, na microestrutura, o videodocumentário está subdividido em cinco ganchos temáticos, começando por abertura, seguido de apresentação, motivos pelos quais vieram a Florianópolis, dificuldades/preconceitos e, por fim, Florianópolis como seu lugar (o pertencimento).

3.3 EDIÇÃO/FINALIZAÇÃO

Desde o início das gravações nos organizamos para otimizar ao máximo as etapas de edição e de finalização. Após cada entrevista, o material era decupado. Entramos num processo de transcrição das entrevistas para roteirização e seleção de falas. Seleccionamos as falas das fontes de acordo com os tópicos do nosso roteiro de perguntas.

As transcrições nos auxiliariam também na etapa de inclusão das legendas. Optamos por legendar todo o videodocumentário para torná-lo acessível às pessoas surdas e facilitar qualquer falta de compreensão devido ao sotaque dos argentinos, que, muitas vezes, impossibilita ao espectador não falante do idioma espanhol entendê-lo.

Além da legenda em português temos uma segunda opção do vídeo legendado em espanhol para a difusão do videodocumentário não somente em território nacional, mas também em outros países da América do Sul.

O programa utilizado para a edição do material foi o Adobe® Première Pro CS6, instalado em computadores pessoais dos autores que produziam a edição a partir de etapas segundo o roteiro.

Após terminarmos a edição do material, o enviamos para os colegas e ex-alunos do curso de Jornalismo da UFSC, Renata Bassani e Thales Camargo, da empresa Renderiza Soluções Audiovisuais, e a finalização de áudio e cores foi feita por eles.

4 RECURSOS

4.1 EQUIPAMENTOS

As gravações foram realizadas com uma câmera Nikon® D5100, com objetiva 18-55 mm, para as imagens principais, e um celular Nokia® Lumia 820, para gravação de imagens de contraplano e *making of*. Ambos os equipamentos nos pertencem. Utilizamos também dois tripés. Para a câmera, inicialmente, emprestavamos um tripé do Laboratório de Telejornalismo e posteriormente conseguimos emprestar de um amigo do curso, que o deixou conosco durante todo o período de gravação. Para o celular, o tripé foi uma aquisição pessoal, então não tivemos problemas quanto ao empréstimo.

Começamos os testes de cartão de memória e compramos um microfone de lapela no início de março. Nos deparamos com um problema técnico na câmera quando gravávamos com o minicartão SD introduzido no adaptador e fomos orientados a comprar um cartão SD de 64 GB. Não tivemos mais problemas quanto a isso.

Para a captura de áudio utilizamos na câmera um microfone de lapela. A câmera possuía apenas uma bateria, que supriu as necessidades por realizarmos tomadas de até 20 minutos cada. Cada gravação de entrevista teve duração de 20 a 60 minutos. Não realizamos mais de uma entrevista por dia, por isso não ficamos sem bateria. Além dos equipamentos citados acima, utilizamos também um HD externo Samsung® e dois *notebooks*.

Estes recursos foram pessoais, emprestados de terceiros ou do Laboratório de Telejornalismo da UFSC. Abaixo, apresentamos uma tabela com os custos da produção.

Descrição	Preço	Quantidade	Origem
Câmera Nikon® D5100	R\$ 1700,00	01	Recursos próprios
Microfone de lapela Yoga® EM1 27158	R\$ 60,00	01	Recursos próprios
Celular Nokia® Lumia 820	R\$ 750,00	01	Recursos próprios
HD externo Samsung® 1 TB	R\$ 280,00	01	Recursos próprios
Tripé para celular SL-2111 - Light weight tripod	R\$ 50,00	01	Recursos próprios
Cartão SD Kingston® 64 GB	R\$ 180,00	01	Recursos próprios
Notebook Dell® Inspiron 14''	R\$ 1500,00	01	Recursos próprios
Notebook Dell® Inspiron N5110 15,6''	R\$ 1500,00	01	Recursos próprios
Tripé Kingjue® VT-2500	R\$ 550,00	01	Empréstimo
TOTAL	R\$ 6570,00		

4.2 OUTROS

A apuração foi realizada na região de Florianópolis, por isso tivemos gastos com passagens de ônibus urbanos, alimentação e eventualmente serviços de táxi.

O valor de R\$ 1,67 das passagens de ônibus urbano é referente à tarifa vigente do cartão estudantil, o qual possuímos.

Descrição	Preço	Quantidade	Origem
Passagem ônibus urbano	R\$ 1,67	26	Recursos próprios
Alimentação	R\$ 30,00	4	Recursos próprios
Táxi	R\$ 15,00	2	Recursos próprios
Finalização de áudio e cor: Renderiza Soluções Audiovisuais	R\$ 100,00	1	Recursos próprios
TOTAL	R\$ 293,42		

4.3 VEICULAÇÃO E VIABILIDADE

Este videodocumentário foi pensado para ser veiculado na internet e em canais públicos, em que o conteúdo transmitido se adequa à temática de nosso trabalho.

5. DIFICULDADES, DESAFIOS E APRENDIZADO

Durante o período de execução deste trabalho percebemos o quanto devemos aprender a otimizar o trabalho em equipe. No nosso caso, formamos uma dupla e, geralmente, as produções audiovisuais contam com uma equipe de mais pessoas para cuidar de cada função específica. A otimização, o respeito ao cronograma e a divisão das tarefas foram fundamentais para que o trabalho pudesse ser concluído.

Algumas imagens de entrevistas tiveram a qualidade reduzida devido à falta de iluminação. Contamos com recursos próprios na maioria das vezes e, por isso, não dispúnhamos de rebatedores e equipamentos de iluminação adequados.

A importância de realizar *back-ups* frequentemente nos foi comprovada na prática. Na reta final, o *notebook* no qual estava o projeto de edição praticamente finalizado teve o HD interno corrompido. Se não tivéssemos cópias de segurança atualizadas do videodocumentário e outros arquivos, teríamos perdido boa parte deste trabalho. Um novo HD foi instalado no *notebook* e prosseguimos com a edição.

Cabe ressaltarmos, enquanto alunos do curso de Jornalismo da UFSC, a qualidade de ensino que nos foi proporcionada ao longo desses cinco anos e meio de graduação.

6. REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio e Janeiro: FGV, 2005.

ANDRADE, João Batista de. **O povo fala: um cineasta na área de jornalismo da TV brasileira**. São Paulo: SENAC SP, 2002.

AUGUSTO, Maria de Fátima. **A montagem cinematográfica e a lógica das imagens**. São Paulo: Anna Blume, 2004.

BERNARD, Sheila Curran. **Documentário**. São Paulo: Campus, 2008.

BURKE, Peter. **A Escrita da História - Novas Perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CAVALCANTI, Alberto. **Filme e realidade**. Rio de Janeiro: Artenova, 1977.

CUCOLO, Eduardo. **Argentina tem adesão de 76,07% dos credores na renegociação da dívida**. São Paulo: Folha de S. Paulo, 03/03/2005. Disponível em: <
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u93996.shtml>>. Acesso em: 20/10/2015.

ENTENDA a crise econômica na Argentina. **FOLHA ONLINE**. São Paulo: Folha de S. Paulo, 03/03/2005. Disponível em: <
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u93997.shtml>>. Acesso em: 20/10/2015.

LABAKI, Amir. **Introdução ao documentário brasileiro**. Rio de Janeiro: Francis, 2006.

LABAKI, Amir. **É tudo verdade**. Rio de Janeiro: Francis, 2005.

LINS, Consuelo. **O documentário de Eduardo Coutinho**. RJ: Jorge Zahar, 2004.

MACEDO, Cláudia. **TV ao Vivo**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. Rio de Janeiro: Papyrus, 2005.

PERELMUTTER, Daisy; ANTONACCI, Maria Antonieta. **Ética e História Oral**, n. 15, abril 1997.

PIGNA, Felipe. **Síntesis de la Historia Argentina**, [199-]. Disponível em: <http://www.elhistoriador.com.ar/historia_argentina/historia_argentina.php>. Acesso em: 05/10/2015.

PUCCINI, Sérgio. **Documentário e Roteiro de Cinema**: da pré-produção à pós-produção. 2007. [s.n.] Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal, o que é um documentário?** São Paulo: SENASC SP, 2008.

SCHMEIL, Lilian. **“Alquila-se una isla”**: turistas argentinos em Florianópolis. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 1994.

SILVA, Letícia Kaper da. Argentinos são maioria entre os estrangeiros que moram em Florianópolis. **Notícias do Dia**, 21/10/2012. Disponível em: <<http://www.ndonline.com.br/florianopolis/noticias/36218-argentinos-sao-maioria-entre-os-estrangeiros-que-moram-em-florianopolis.html>>. Acesso em: 11/10/2015.

7. ANEXOS

ROTEIRO DOC ¡CHE, FLORIPA!	
VÍDEO	ÁUDIO
<p>MOMENTO 1 - ABERTURA</p> <p>SONORA - ALEJANDRO VERDIER</p> <p>ALTERNA COM ENQUADRAMENTO EM PLANO FECHADO E CONTRA-PLANO ABERTO EM PRETO E BRANCO</p>	<p>1234567890123456789012345</p> <p>MOMENTO 1 - ABERTURA</p> <p>NÚMEROS DE 2015, DEZEMBRO DE 2015, É DE 10 MIL ARGENTINOS MORANDO AQUI EM SANTA CATARINA. DESSES, UNS 7 MIL A GENTE ACHA QUE MORAM NA ILHA DE SANTA CATARINA.</p>
<p>SONORA - MARCELA ISRAELSON</p> <p>ENQUADRAMENTO EM PLANO FECHADO</p> <p>IMAGEM - CARRO COM O PORTA-MALAS E PORTA ABERTAS COM MUITA BAGAGEM/ IMAGEM EM MOVIMENTO MOSTRANDO O ROSTO DOS DOIS E O TRAJETO ATÉ O INTERIOR DO VEÍCULO/ ROGER FECHA O PORTA- MALAS</p>	<p>ÁUDIO TRILHA SONORA MÚSICA KIBITKA: O ACORDEÓN SOÍÑO</p> <p>HOY, DOMINGO, 1º DE MAYO, NOS VAMOS A MUDAR DEFINITIVAMENTE A FLORIPA. ASÍ QUE, FELICES, Y EN UN RATO LES CUENTO MÁS.</p> <p>ESTAMOS SALIENDO PARA FLORIA, LLEVAMOS MATE, MUCHAS YERBAS, VINO, DULCE DE LECHE... ROGER, YO, Y EL AUTO HASTA LAS PELOTAS! PERO, TRANQUI, TODO BIEN. TODO VA A ESTAR BIEN. VAMOS A FLORIA? VAMOS! VAMOS!</p>

<p>IMAGEM DA CHEGADA EM FLORIANÓPOLIS, NA PONTE PEDRO IVO CAMPOS COM PEQUENO DETALHE DA PONTE HERCÍLIO LUZ, À ESQUERDA</p> <p>ARTE - GCS TÍTULO: ¡CHE, FLORIPA!</p>	<p>SOBE SOM - TRILHA SONORA MÚSICA KIBITKA: O ACORDEÓN SOÍÑO</p> <p>DESCE SOM - TRILHA SONORA</p>
<p>MOMENTO 2 - APRESENTAÇÃO DOS ARGENTINOS</p> <p>SONORA - RAUL ANTELO</p> <p>GC: RAUL ANTELO - PROFESSOR</p>	<p>CHEGUEI NA CIDADE EM FEVEREIRO DE 1982. EU TINHA ACABADO DE DEFENDER O MEU DOUTORADO NA USP (LITERATURA BRASILEIRA), DEZEMBRO DE 1981, E DAS OFERTAS DE EMPREGO QUE EU TINHA, A ÚNICA QUE PREENCHIA OS REQUISITOS QUE OS MILITARES IMPUNHAM À ÉPOCA ERA O CONTRATO DAQUI, OU SEJA, A PROFISSÃO NÃO ERA REQUERIDA, SALVO QUE VOCÊ FOSSE CONTRATADO POR UMA UNIVERSIDADE FEDERAL PARA DAR AULAS A NÍVEL DE PÓS-GRADUAÇÃO. ACEITEI O CONVITE, CHEGUEI MUITO ANTES, INCLUSIVE, DE TER NORMALIZADO O CONTRATO JÁ COMECEI A TRABALHAR, ACHO QUE CHEGUEI, SUPONHAMOS, SEGUNDA-FEIRA DEPOIS DO CARNAVAL DAQUELE ANO E NA MESMA SEMANA JÁ PARTICIPEI DE UMA BANCA</p>

	<p>DE MESTRADO, O CONTRATO SÓ SAIU EM MAIO. OU SEJA, A UFSC ME DEVE DOIS MESES DE TRABALHO.</p>
<p>SONORA - JULIA ARIAS</p> <p>GC: JULIA ARIAS - ADMINISTRADORA</p> <p>ALTERNA COM ENQUADRAMENTO EM PLANO MÉDIO E CONTRA-PLANO ABERTO EM PRETO E BRANCO</p>	<p>NO ANO DE 1985, EM 19 DE FEVEREIRO DE 1985, CHEGUEI ÀS 19 HORAS AQUI. NA ESQUINA DO SHOPPING. FOI TUDO UMA NOVIDADE. ERA CARNAVAL NESSA ÉPOCA. MEU FILHO MORAVA AQUI E ME CONVIDOU PARA VIR MORAR AQUI. VIEMOS PARA CONHECER, ANTES DE DECIDIR SE VIRÍAMOS DE FORMA DEFINITIVA. ELE MORAVA NUM APARTAMENTO NA RUA ALMIRANTE LAMEGO. NOS INSTALAMOS LÁ E ERA TUDO MUITO DIFÍCIL. NÃO ESTÁVAMOS ACOSTUMADOS AOS MORROS, A SUBIR E ESSAS COISAS.O ÚNICO SUPERMERCADO QUE EXISTIA ERA O PÃO DE AÇÚCAR, NA AVENIDA RIO BRANCO ONDE AGORA É A HAVAN. MAS COMO AS PESSOAS VINHAM PROCURANDO ESSA ILHA ENCANTADA ERA TUDO MUITO DIVERTIDO. NO COMEÇO NÃO TÍNHAMOS CARRO, ENTÃO PERCORRÍAMOS UM TRAJETO ENORME DE ÔNIBUS. NÓS VOLTAMOS A BUENOS AIRES, VENDEMOS PARTE DOS NOSSOS IMÓVEIS E VIEMOS MORAR AQUI E COMPRAR UM HOTEL.</p>

<p>SONORA - MONICA MARCON</p> <p>GC: MONICA MARCON - ARTESÃ</p> <p>ALTERNA COM ENQUADRAMENTO EM PLANO MÉDIO E CONTRA-PLANO MÉDIO EM PRETO E BRANCO</p>	<p>MORO AQUI FAZ 27 ANOS. ANTES DESSES 27 ANOS CONTÍNUOS EU JÁ TINHA ESTADO AQUI NA ILHA, JÁ TINHA MORADO AQUI, MOREI POR QUASE DOIS ANOS, E NESSE PERÍODO DE DOIS ANOS QUE MOREI AQUI CONHECI MEU MARIDO QUE É URUGUAIO E DAQUI FOMOS PARA O URUGUAI, POR UM PERÍODO CURTO, E VOLTAMOS PARA A ARGENTINA. FICAMOS NA ARGENTINA POR CINCO ANOS E DEPOIS VIEMOS DE NOVO MORAR AQUI.</p>
<p>SONORA - EDUARDO GALEANO</p> <p>GC: EDUARDO GALEANO - PROFESSOR</p> <p>ALTERNA COM ENQUADRAMENTO EM PLANO MÉDIO E CONTRA-PLANO MÉDIO EM PRETO E BRANCO</p>	<p>NO FINAL DA DÉCADA DE 80 EU VIM PARA CÁ PELA PRIMEIRA VEZ E ACHEI MARAVILHOSO. NAQUELA ÉPOCA ESTAVA NA MODA IR A CAMBORIÚ E EU CHEGUEI AQUI ENTRE QUATRO AMIGOS, ENTÃO QUANDO NÓS DESCEMOS AQUI NA RODOVIÁRIA, OS QUATRO AMIGOS, OS OUTROS TRÊS OLHAM PARA MIM, QUERENDO DIZER: ONDE VOCÊ TROUXE A GENTE?</p> <p>PORQUE DO ÔNIBUS SÓ NÓS QUATRO DESEMBARCAMOS AQUI EM FLORIANÓPOLIS, NAQUELA ÉPOCA ESTAVA MUITO NA MODA IR A CAMBORIÚ. MAS A GENTE NÃO SE ARREPENDEU. MARAVILHOSO, MUITO LINDO. E DEPOIS NOS MEADOS DOS ANOS 1996, ESTAVA DE FÉRIAS AQUI E CONHECI QUEM HOJE É A MINHA</p>

	<p>ESPOSA E TINHA UM CONHECIDO AQUI, NUMA ESCOLINHA DE INGLÊS, QUE ME CONVIDOU PARA VIR TRABALHAR, ENTÃO APROVEITEI A POSSIBILIDADE. E HÁ 20 QUE ESTOU CASADO E MORO EM FLORIANÓPOLIS, E FOI A MELHOR COISA QUE EU JÁ FIZ FOI TER TOMADO ESSA DECISÃO DE VIR PARA CÁ.</p>
<p>SONORA - CHICHITA DE ERQUIAGA</p> <p>GC: CHICHITA DE ERQUIAGA - ACESSORA ALIMENTAR</p> <p>ALTERNA COM ENQUADRAMENTO EM PLANO MÉDIO E CONTRA-PLANO ABERTO EM PRETO E BRANCO</p>	<p>EU CHEGUEI AQUI EM 2001, MAS VINHA AO BRASIL DESDE O ANO DE 1981, TODOS OS VERÕES. MOREI MUITOS ANOS EM GAROPABA, EU TINHA UMA CASA NA PRAIA, E, BOM, EU VIAJAVA DE BUENOS AIRES AO BRASIL, DO BRASIL A BUENOS AIRES, MAS EM 2001 A SITUAÇÃO POLÍTICA E ECONÔMICA, NAQUELE PERÍODO MUITO TRÁGICO PARA A ARGENTINA EM 2001, MUITOS ARGENTINOS VIERAM PARA O BRASIL. E ENTÃO PENSAMOS: "O QUE VAMOS FAZER AQUI? VAMOS PARA LÁ".</p>
<p>SONORA - SANDRA SARAVIA</p> <p>GC: SANDRA SARAVIA - ARQUITETA</p> <p>ALTERNA COM ENQUADRAMENTO EM PLANO MÉDIO E PRIMEIRO PLANO</p>	<p>EU CHEGUEI NO ANO DE 2001. NO ANO 2000 EU CONHECI QUEM SE TORNOU DEPOIS O MEU MARIDO, ERA BRASILEIRO, ESTAVA MORANDO EM VITÓRIA E ESTAVA PENSANDO EM VOLTAR PARA FLORIANÓPOLIS. A GENTE JÁ FICOU NAMORANDO POR VÁRIOS MESES PELA INTERNET, DE AGOSTO A</p>

	<p>DEZEMBRO. DEPOIS ELE VIAJOU PARA LÁ PARA ME CONHECER, PARA CONHECER MINHA FAMÍLIA, E PELA INTERNET JÁ SABÍAMOS QUE ÍAMOS NOS CASAR, QUE O PRIMEIRO FILHO IA SE CHAMAR FRANCO, E SE CHAMA. EM MARÇO DO ANO SEGUINTE EU CHEGUEI AQUI, PROCUREI TRABALHO E JÁ ME INSTALEI AQUI. NOS CASAMOS</p> <p>SOBE SOM - TRILHA SONORA MÚSICA KIBITKA: O ACORDEÓN SOÍÑO</p> <p>E TIVEMOS DOIS FILHOS. <i>UM É FRANCO E O OUTRO?</i> UM É FRANCO E O OUTRO É AUGUSTO.</p>
<p>SONORA - VALENTINA POMBA E GRABRIEL FERRAUDO</p> <p>GC: VALENTINA POMBA - TURISMÓLOGA</p>	<p>EU VIM PARA CÁ QUANDO TINHA 15 ANOS, VIM COM A MINHA FAMÍLIA, COM MEUS PAIS. VIEMOS DA PROVÍNCIA DE SANTA FÉ, NO INTERIOR. EU ESTUDEI AQUI, O SEGUNDO GRAU, E FIZ FACULDADE. QUANDO EU TERMINEI A FACULDADE, QUE EU ME FORMEI, VOLTEI PARA A ARGENTINA. ISSO FOI EM 2007. FIQUEI DOIS ANOS LÁ,</p> <p>DESCE SOM</p> <p>VIAJEI POR TODA A ARGENTINA, CONHECI OUTRAS PROVÍNCIAS E CONSEGUI</p>

<p>GC: GABRIEL FERRAUDO - PROGRAMADOR</p>	<p>TRABALHO NO INTERIOR, DE ONDE EU SOU, NA PROVÍNCIA DE SANTA FÉ, E CONHECI O GABRIEL. A GENTE TRABALHOU NA MESMA EMPRESA, QUE É UMA GRANDE REDE ARGENTINA. TRABALHAMOS POR DOIS ANOS E, COMO MEUS PAIS HAVIAM INICIADO NO SETOR DE CONFECÇÃO DE ROUPAS AQUI NESSA ÉPOCA, PEDIRAM PARA EU VOLTAR. E A SITUAÇÃO DA ARGENTINA TAMBÉM NÃO ESTAVA LEGAL, AS EMPRESAS COMEÇARAM A ENTRAR EM CRISE, AÍ COMEÇOU O PROCESSO DE DEMISSÃO VOLUNTÁRIA PARA CADA PESSOA QUE QUERIA SAIR DA EMPRESA. AÍ EU PEGUEI A DEMISSÃO VOLUNTÁRIA E PERGUNTEI PARA ELE SE QUERIA VIR PARA CÁ COMIGO E A GENTE VEIO PARA CÁ EM 2009.</p> <p>DAÍ A GENTE CHEGOU AQUI E COMEÇOU A MORAR JUNTOS. FAZIA UM ANO QUE A GENTE ESTAVA JUNTOS, NÉ, NAMORANDO. A GENTE VEIO PARA O BRASIL E COMEÇOU A CONVIVER JUNTOS. FIQUEI TRÊS MESES FAZENDO BICOS, ATÉ ACHAR UM EMPREGO FIXO NUM SUPERMERCADO. ENTREI NO SENAI FAZENDO CURSO DE PROGRAMADOR, TRABALHEI DURANTE NOVE MESES E JÁ COMECEI A TRABALHAR NA ATUAL EMPRESA QUE ESTOU TRABALHANDO HOJE EM DIA.</p>
--	--

<p>SONORA - CARLOS BURDNKAR</p> <p>GC: CARLOS BURDNKAR - PROFESSOR</p>	<p>NÓS JÁ TÍNHAMOS VINDO VÁRIOS ANOS PARA CÁ COMO TURISTAS E GOSTÁVAMOS MUITO DO LUGAR. PENSÁVAMOS EM TER UMA EXPERIÊNCIA AQUI E CHEGOU UM MOMENTO EM QUE NÃO TÍNHAMOS MAIS FAMILIARES PARA CUIDAR, PORQUE INFELIZMENTE ELES FALECERAM, PAIS, IDOSOS DA FAMÍLIA. COM OS FILHOS AINDA CRIANÇAS, DECIDIMOS EXPERIMENTAR E VIEMOS PARA CÁ. TIVE UMA OPORTUNIDADE DE TRABALHO AQUI EM FLORIANÓPOLIS E VIEMOS PARA TESTAR; DEU CERTO E FICAMOS. MINHA FILHA CAÇULA TINHA UM ANO QUANDO CHEGOU AQUI, HOJE TEM 15, ENTÃO PRATICAMENTE É MANEZINHA, MAS SOMOS TODOS ARGENTINOS.</p> <p>SOBE SOM</p>
<p>SONORA - RICARDO AGUERO</p> <p>GC: RICARDO AGUERO - DIRETOR DO COSTÃO GOLFE</p> <p>ALTERNA COM ENQUADRAMENTO EM PLANO MÉDIO E IMAGEM EM PRETO E BRANCO DO RICARDO DE PERFIL,</p>	<p>A PRIMEIRA VEZ QUE VIM PARA FLORIANÓPOLIS FOI NO ANO DE 1989 E FIQUEI MARAVILHADO COM A PAISAGEM, COM AS PESSOAS. VIM PARA UM PROJETO PARA O COSTÃO DO SANTINHO, MAS DEPOIS SE PASSARAM MAIS DE 10 ANOS, ATÉ QUE TOMEI A DECISÃO DE ACOMPANHAR ESSE PROJETO, UMA CONSTRUÇÃO DE UM CAMPO DE GOLFE, FOI NO ANO DE 2004, DEZEMBRO DE 2004.</p>

<p>DIRIGINDO O CARRO DE GOLFE</p>	<p>LEVO 12 ANOS MORANDO NESSA ILHA PARADISIÁCA.</p>
<p>SONORA - ROBERTO MEZA NIELLA</p> <p>GC: ROBERTO MEZA NIELLA- PERITO JUDICIAL</p> <p>ALTERNA COM ENQUADRAMENTO EM PLANO MÉDIO E DUAS FOTOS DE ROBERTO EM AMBIENTE DE TRABALHO</p>	<p>EM 2009, EU ME MUDEI PARA CÁ, PARA FLORIANÓPOLIS, E DESDE ENTÃO QUE ESTOU MORANDO AQUI EM FLORIANÓPOLIS, TRABALHANDO NA MINHA ÁREA, EU MONTEI UM ESCRITÓRIO DE PERÍCIAS E ESTOU FAZENDO ISSO. CURTINDO A CIDADE QUE EU GOSTO TAMBÉM, QUE EU SEMPRE GOSTEI, MAS QUE, PARA SER SINCERO, NUNCA PENSEI QUE PODIA MORAR AQUI.</p>
<p>SONORA - LAURA RODRIGUEZ</p> <p>GC: LAURA RODRIGUEZ - GRAFÓLOGA FORENSE</p> <p>ALTERNA COM ENQUADRAMENTO EM PLANO MÉDIO E CONTRA-PLANO ABERTO EM PRETO E BRANCO</p>	<p>EU VIM PARA CÁ DE FÉRIAS, EM ABRIL DE 2010. EU TENHO UMA IRMÃ QUE MORA AQUI HÁ MAIS OU MENOS UNS 15, 16 ANOS, EU NÃO CONHECIA MEUS SOBRINHOS, AÍ EU QUERIA PASSAR UM TEMPO COM ELES E GOSTEI MUITO DAQUI. AÍ EU RESOLVI VIR MORAR AQUI, ENTÃO VOLTEI PARA A ARGENTINA, VENDI TUDO O QUE EU TINHA, PEDI AS CONTAS DO TRABALHO, FIZ TUDO CERTINHO PARA TER A RESIDÊNCIA LEGAL AQUI E EM NOVEMBRO DE 2010 EU JÁ ESTAVA MORANDO AQUI.</p>
<p>SONORA - KAREN WIDLA E MARIA LAURA WIDLA</p> <p>GC: MARIA LAURA WIDLA - ESTUDANTE</p>	<p><i>TUDO COMEÇOU COM A SUA MÃE QUE VEIO VIVER AQUI? SIM, ERA UM SONHO DELA. MEU DEUS, EU ME LEMBRO QUE A GENTE ESTAVA</i></p>

<p>ALTERNA COM ENQUADRAMENTO EM PLANO MÉDIO E DUAS FOTOS DAS IRMÃS COM A MÃE E COM O MARIDO DE MARIA LAURA</p> <p>GC: KAREN WIDLA - ESTUDANTE</p>	<p>ASSISTINDO UM JOGO DA COPA. QUAL ERA O ANO? NÃO ME LEMBRO BEM. VOCÊ TINHA 15 ANOS. É, ACHO QUE SIM. AÍ ELA FICOU FALANDO: "MEU DEUS, UM DIA EU QUERO MORAR NO BRASIL" E ELA VEIO PARA CÁ. MEU DEUS, DESDE ESSE DIA ELA: "AH, SERÁ QUE NO ANO QUE VEM? " AÍ UM DIA ELA CHEGOU E DISSE ASSIM: "VAMOS MORAR NO BRASIL? ". ELA SÓ PRECISAVA QUE ALGUÉM DISSESSE "SIM! VAMOS!" E A GENTE DISSE QUE SIM E ELA DISSE: "TÁ BOM, VAMOS." E AÍ FOI. ELA VEIO PARA CÁ, DEPOIS AOS POUQUINHOS TODO MUNDO FOI VINDO PARA CÁ TAMBÉM.</p>
<p>SONORA - GUILLERMO GROSI</p> <p>GC: GUILLERMO GROSI - FREELANCER</p> <p>ALTERNA COM ENQUADRAMENTO EM PLANO AMERICANO E CONTRA-PLANO AMERICANO EM PRETO E BRANCO</p>	<p>EU ESTAVA NUM RELACIONAMENTO HÁ 10 ANOS JÁ COM UMA BRASILEIRA. ELA É DE MATO GROSSO DO SUL, MAS ELA ESTAVA MORANDO NA ARGENTINA, EU A CONHECI LÁ, E A GENTE RESOLVEU, DEPOIS DE SEIS ANOS MORANDO NA ARGENTINA, IR PARA A CIDADE DELA, PONTA PORÃ. E AÍ EU RESOLVI VIR PARA CÁ SOZINHO, PROCURAR UM TRABALHO E UM LUGAR ONDE MORAR. CHEGUEI, TRABALHEI AQUI NOS PRIMEIROS QUATRO MESES, E AÍ CONSEGUI</p>

	<p>TRAZER MINHA FAMÍLIA PARA CÁ.</p>
<p>MOMENTO 3 - MOTIVOS PELOS QUAIS VIERAM AO BRASIL</p> <p>SONORA - JULIA ARIAS</p> <p>GC: JULIA ARIAS - ADMINISTRADORA</p>	<p>SOBE SOM - TRILHA SONORA</p> <p>TODOS OS QUE VIERAM, VIERAM PELO SONHO DESSA TERRA LINDA. INCLUSIVE PESSOAS QUE TROUXERAM TODO DINHEIRO QUE TINHAM PARA CÁ.; QUE INVESTIRAM AQUI, EM HOTÉIS, FÁBRICAS; AMIGOS QUE TÊM FÁBRICAS DE CONFECÇÕES, RESTAURANTES. TODOS VIERAM ASSIM, ESSA PRIMEIRA LEVA DE ARGENTINOS VEIO PARA INVESTIR AQUI.</p> <p>DESCE SOM - TRILHA SONORA</p> <p>HOJE EM DIA VÊM MUITOS ESTUDANTES; NO VERÃO ELES VÊM PARA TRABALHAR, NO COMEÇO NÃO EXISTIA ISSO.</p>
<p>SONORA - KAREN WIDLA E MARIA LAURA WIDLA</p>	<p>LÁ NA ARGENTINA A GENTE TEM UM POUCO MAIS DE, NÃO É PARA A GENTE SE ACHAR, MAS TIPO, A PARTE DE ESTUDO MESMO, O CONTEÚDO, A GENTE É UM POUQUINHO MAIS COMPLETO. MAIS COMPLETO, COMPLEXO.... OS DOIS. AQUI, POR EXEMPLO, ELES TE DÃO MUITO MAIS LIBERDADE. VOCÊ USA SÓ UM UNIFORME, UMA CAMISETA. LÁ A GENTE TEM QUE USAR JALECO OU UNIFORME, SAIA COM CAMISA; AGORA ELES ESTÃO USANDO AQUELE UNIFORME DE ÉPOCA. TEM</p>

	<p>SEMPRE QUE CUMPRIR SENÃO VOCÊ NÃO ENTRA NA ESCOLA. É, VOCÊ GANHA FALTA. É MAIS, COMO SE DIZ? BUROCRÁTICO? RIGOROSO? ISSO. RIGOROSO.</p>
<p>SONORA - VALENTINA POMBA</p> <p>ALTERNA COM ENQUADRAMENTO EM PLANO MÉDIO E CONTRA-PLANO ABERTO EM PRETO E BRANCO</p>	<p>BOM, NA MINHA OPINIÃO, O SEGUNDO GRAU AQUI FOI MUITO FRACO, NA QUESTÃO DO ESTUDO ASSIM. NA ARGENTINA FOI SEMPRE MUITO EXIGENTE, TANTO QUE QUANDO EU FIZ O 2° E O 3° ANOS DO ENSINO MÉDIO, O 2° PARA MIM PARECIA QUE EU ESTAVA REPETINDO, PORQUE O CONTEÚDO DADO AQUI NO 2° ANO EU JÁ TINHA VISTO NO 1° ANO DA ARGENTINA. ME LEMBRO QUE FUI ATÉ PROFESSORA DA MAIORIA DOS ALUNOS, PORQUE EU JÁ TINHA O CONHECIMENTO E LÁ O NÍVEL DE EXIGÊNCIA É MUITO MAIOR DO QUE AQUI. E DEPOIS NA UNIVERSIDADE, AS UNIVERSIDADES, SEM DESMERECEM, MAS AS UNIVERSIDADES PARTICULARES TÊM UM NÍVEL DIFERENTE DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS. EU TAMBÉM ACHEI UM POUCO FRACO O NÍVEL DE ESTUDO.</p>
<p>SONORA - ALEJANDRO VERDIER</p> <p>GC: ALEJANDRO VERDIER - EX-CÔNSUL DO CONSULADO ARGENTINO EM SANTA CATARINA</p>	<p>TEM MUITAS PESSOAS QUE CHEGAM AQUI DE FÉRIAS, ADORAM A ILHA E VÊM AQUI PARA SE INFORMAR SOBRE COMO DEVEM FAZER PARA TRABALHAR AQUI, PARA FICAR EM FLORIANÓPOLIS. A PARTIR DA VIGÊNCIA DO</p>

<p>ALTERNA COM ENQUADRAMENTO EM PLANO FECHADO E CONTRA-PLANO ABERTO EM PRETO E BRANCO</p>	<p>ACORDO MERCOSUL A SITUAÇÃO É BEM MAIS FÁCIL. ANTES DISSO ERA UM PESADELO.</p>
<p>SONORA - JULIA ARIAS</p>	<p>ÉRAMOS ILEGAIS, ENTÃO NÃO PODÍAMOS DAR ORDENS AOS FUNCIONÁRIOS, PORQUE ELES DIZIAM "VOCÊS SÃO ILEGAIS, PODEMOS TE DEPORTAR". VIVÍAMOS NUMA ESPÉCIE DE MEDO PORQUE A CADA TRÊS MESES TÍNHAMOS QUE IR ATÉ A FRONTEIRA RENOVAR O VISTO. DEMOROU MUITO TEMPO ATÉ QUE SAIU ESSE ACORDO E, CADA VEZ QUE SAÍA DO PAÍS, ESTAVA EM SITUAÇÃO DE LEGALIDADE, ENTÃO PARA MIM DEMOROU MUITO MAIS. ISSO NOS TIROU...TRABALHAMOS INICIALMENTE COM ESSE HOTEL, QUE TAMBÉM NÃO ERA NOSSO, APESAR DE TERMOS COMPRADO COM OS DOCUMENTOS. COMO NÃO ENTENDÍAMOS NADA DE LEIS, COMO ERAM AS LEIS BRASILEIRAS E NÃO TÍNHAMOS A QUEM RECORRER, O HOTEL CONTINUAVA NO NOME DO PROPRIETÁRIO. QUANDO PERCEBEMOS QUE AQUI EXISTIAM CERTOS NEGÓCIOS DESTE SENHOR QUE ERA DE BRASÍLIA, DECIDIMOS VENDER O HOTEL.</p>
<p>SONORA - SANDRA SARAVIA</p>	<p>PARA OS MEUS DOCUMENTOS NAQUELA ÉPOCA, NÃO ERA MUITO COMUM UMA ARGENTINA</p>

	<p>SE CASAR COM UM BRASILEIRO PORQUE OS POLICIAIS, POR EXEMPLO, QUANDO EU FUI NA POLÍCIA FEDERAL ELES CHAMARAM MEU MARIDO TAMBÉM E ACREDITAVAM QUE ERA UM CASAMENTO POR CONVENIÊNCIA, ENTÃO COLOCARAM CADA UM NUM ESCRITÓRIO COM UM POLICIAL DIFERENTE FAZENDO AS MESMAS PERGUNTAS, COMO DE QUE LADO DA CAMA DORMIA CADA UM, UMA SÉRIE DE COISAS ASSIM. DEPOIS FORAM LÁ NO NOSSO APARTAMENTO (NESSA ÉPOCA A GENTE MORAVA NO CENTRO)...ELES FORAM NO APARTAMENTO CONFERIR SE REALMENTE... ASSIM, SINCERAMENTE NÃO SEI PORQUE TANTA DESCONFIANÇA, MAS ELES ACHAVAM QUE EU TINHA VINDO PARA CÁ FUGINDO DA CRISE.</p>
<p>SONORA - MONICA MARCON</p> <p>ALTERNA COM ENQUADRAMENTO EM PLANO MÉDIO E CONTRA-PLANO MÉDIO EM PRETO E BRANCO</p>	<p>DEPOIS DE MUITOS ANOS QUE JÁ ESTÁVAMOS AQUI, VIAJAMOS PARA A ARGENTINA E, BOM, ESTÁVAMOS TODOS TRANQUILOS PORQUE ESTÁVAMOS LÁ. AÍ ESQUECEMOS QUE NOSSO FILHO MAIS NOVO NÃO ERA ARGENTINO, ERA BRASILEIRO. JÁ ESTÁVAMOS PARA VOLTAR, PARA VIAJAR ASSIM, E AÍ QUANDO VIMOS, CLARO, ESTÁVAMOS COM TODOS DOCUMENTOS. SABE AQUELA COISA, QUE VOCÊ</p>

	<p>DIZ "AH, VAMOS PEGAR OS DOCUMENTOS, SEPARAR, DEIXAR TUDO PRONTO PARA QUANDO PASSAR NA ADUANA, NÉ". AÍ QUANDO VIMOS, OLHAMOS E "O QUE É ISSO? É O VISTO DO JÚLIO!" O JÚLIO TINHA TRÊS ANOS E ELE TINHA UM VISTO. CLARO, COMO ELE SAIU DO PAÍS E PASSOU, AÍ NÓS OLHAMOS A DATA, O VISTO DO JÚLIO ESTAVA VENCIDO, PORQUE NOS DERAM UM VISTO DE UM MÊS E NÓS FICAMOS, VAMOS SUPOR, 40 DIAS, AO INVÉS DE 30. NOS ESQUECEMOS QUE TÍNHAMOS UM FILHO QUE É ESTRANGEIRO!</p>
<p>IMAGEM - TRECHO DO PROGRAMA CULINÁRIO DE CHICHITA DE ERQUIAGA, NO CANAL ARGENTINO "NUEVEDIÁRIO"</p> <p>SONORA - CHICHITA DE ERQUIAGA</p>	<p><i>E AGORA OS DEIXO COM A BOA COMPANHIA DE CHICHITA!</i></p> <p><i>OLÁ! COMO ESTÃO? TUDO BEM?</i></p> <p>MEU TRABALHO EXPERIMENTAL LÁ ERA SEMPRE EM TV; FIZ TELEVISÃO DURANTE 35 ANOS, CONTINUAMENTE, TODOS OS DIAS. MEU TRABALHO ERA SOCIAL. HAVIA UM JORNAL, COMO VOCÊS TÊM O JORNAL DA GLOBO AO MEIO DIA, E MINHA TAREFA ERA SÓ DAR NOTÍCIAS SOBRE ALIMENTAÇÃO. NOTÍCIAS QUE AJUDASSEM AS PESSOAS, PARA QUE CONHECESSEM MAIS OS PRODUTOS QUE COMIAM.</p>

**IMAGEM - COMERCIAL
TELEVISIVO DO PROGRAMA
CULINÁRIO DE CHICHITA
DE ERQUIAGA, NO CANAL
ARGENTINO
"NUEVEDIÁRIO"**

**SONORA - CHICHITA DE
ERQUIAGA**

ALTERNA COM
ENQUADRAMENTO EM PLANO
MÉDIO E PLANO
AMERICANO EM PRETO E
BRANCO

**IMAGEM - COMERCIAL
TELEVISIVO SOBRE A
COLEÇÃO DE FASCÍCULOS
DE CHICHITA DE
ERQUIAGA**

*CHICHITA DE ERQUIADA!
RECEITAS ECONÔMICAS PARA
AS FESTAS DE FIM DE ANO!
TODAS AS INFORMAÇÕES
NESTA SEXTA-FEIRA, EM
"NUEVEDIÁRIO", PRIMEIRA
EDIÇÃO, À UMA DA TARDE.*

ME GRADUEI COMO
PROFESSORA E SEGUI
ESTUDANDO MAIS A PARTE DE
ALIMENTAÇÃO E ISSO ME
AJUDOU A CRIAR PROGRAMAS
DE TELEVISÃO SOCIAIS E
UMA QUANTIDADE DE LIVROS
PARA QUE AS PESSOAS
TIVESSEM ALGUMA
REFERÊNCIA. TAMBÉM
ESCREVI UMA COLEÇÃO DE
FASCÍCULOS, SÃO 80
FASCÍCULOS. A MAIOR
COLEÇÃO DA ARGENTINA,
PORQUE A MAIORIA DAS
COLEÇÕES DE FASCÍCULOS
TÊM NO MÁXIMO 30
PUBLICAÇÕES.

*A NOVA COZINHA DE
CHICHITA DE ERQUIAGA.
QUEREM SABER COMO É MINHA
NOVA COZINHA? MAIS FÁCIL,
MAIS PRÁTICA, MAIS
ECONÔMICA. ÀS TERÇAS-
FEIRAS.*

BOM, ESSAS FOTOS SÃO DE
DIFERENTES PROGRAMAS DE
TELEVISÃO, ONDE PREPAREI
PRATOS DIFERENTES E
OUTRAS, POR EXEMPLO,
AQUI, VÊ? ASSIM, JÁ COM
PÚBLICO TAMBÉM, EM VÁRIAS

<p>SONORA - CHICHITA DE ERQUIAGA</p> <p>ALTERNA COM ENQUADRAMENTO EM PLANO ABERTO E PLANO MÉDIO</p> <p>TRAVELLING FRONTAL MOSTRANDO AS FOTOGRAFIAS</p>	<p>OCASIÕES TINHA O PÚBLICO PRESENTE. E TAMBÉM TEM OS SHOWS, SHOWS QUE FAZÍAMOS EM TODOS OS ESTADOS, COM MILHARES DE PESSOAS QUE VINHAM ESCUTAR E ASSISTIR TAMBÉM. AQUI TEM MAIS, PORQUE CADA ESTADO TINHA UM PÚBLICO DIFERENTE. DESTA MANEIRA, VOU CONTINUAR MORANDO AQUI. DIGAMOS, VOU PASSEAR, SIM. MINHA BUENOS AIRES QUERIDA. MAS MORAR, MORO AQUI. A VERDADE É QUE ESTOU MUITO, MUITO FELIZ.</p>
<p>SONORA - GUILLERMO GROSSI</p> <p>ENQUADRAMENTO EM PLANO AMERICANO</p>	<p>ESTOU FELIZ. A QUALIDADE DE VIDA É BOA. NÃO DÁ PARA SENTIR MUITO A FALTA DA CIDADE DE ONDE EU VENHO.</p>
<p>SONORA - ROBERTO MEZA NIELLA</p> <p>ENQUADRAMENTO E PLANO MÉDIO</p>	<p>EU POSSO DIZER QUE MEU CORAÇÃO ESTÁ DIVIDIDO: É 50% CORRENTINO E 50% É PRATICAMENTE BRASILEIRO. HOJE EM DIA, QUANDO EU VOU PARA CORRIENTES, LÁ EU ME SINTO UM TURISTA. EU VOU LÁ PORQUE CONTINUA MINHA FAMÍLIA, MEUS IRMÃOS, MEUS SOBRINHOS, ESTAVA MINHA MÃE, MAS DEPOIS DE UM TEMPO EU SINTO FALTA DAQUI: DA MINHA CASA, DOS MEUS AMIGOS, DAS MINHAS COISAS, DA PRAIA.</p>

<p>IMAGENS - MENINO CORRENDO NA BEIRA DO MAR NA PRAIA DE CANASVIEIRAS/ IMAGEM GERAL DA PRAIA COM VÁRIOS GUARDA-SÓIS ABERTOS E MUITAS PESSOAS TRANSITANDO</p>	<p>SOBE SOM - TRILHA SONORA</p>
<p>SONORA - ROBERTO GALEANO</p> <p>ALTERNA COM ENQUADRAMENTO EM PLANO MÉDIO E PLANO ABERTO EM PRETO E BRANCO</p>	<p>EU ME CONSIDERO 70% ARGENTINO E 30% BRASILEIRO. ESTOU MORANDO AQUI, ME SINTO MUITO FELIZ. NÃO MORO AQUI E FICO COM A MINHA CABEÇA EM BUENOS AIRES. PARA MIM O BRASIL É MINHA SEGUNDA PÁTRIA, ESSA É A VERDADE. EU VOLTO PARA BUENOS AIRES PARA PASSEAR OU COMO PODERIA IR PARA SÃO PAULO, RIO DE JANEIRO, MAS EU GOSTO DE MORAR AQUI.</p>
<p>SONORA - SANDRA SARAVIA</p> <p>GC: SANDRA SARAVIA - ARQUITETA</p> <p>ALTERNA COM ENQUADRAMENTO EM PLANO MÉDIO E PLANO ABERTO EM PRETO E BRANCO</p>	<p>AQUI VOCÊ SE SENTE ESTRANGEIRA POR CAUSA DO SOTAQUE. MAS ME SINTO MAIS DAQUI DO QUE DE LÁ.</p>

<p>SONORA - RAUL ANTELO</p> <p>ALTERNA COM ENQUADRAMENTO EM PLANO MÉDIO E CONTRA-PLANO MÉDIO EM PRETO E BRANCO</p>	<p>EU NÃO ME ACHO ESTRANGEIRO, ME ACHAM ESTRANGEIRO. VOCÊ NUNCA É ESTRANGEIRO, É O OUTRO QUE TE COLOCA O RÓTULO. EU NÃO TENHO O MAIOR SOTAQUE, MAS AS PESSOAS PERCEBEM QUE EU SOU ESTRANGEIRO, PORQUE EU NÃO USO, DIGAMOS, TODAS AS MARCAS DE ORALIDADE QUE UM BRASILEIRO NATO USARIA. TALVEZ POR DEFORMAÇÃO PROFISSIONAL, OU SEJA, FALO COMO SE ESTIVESSE DITANDO UM LIVRO: DEFORMAÇÃO PROFISSIONAL. E ISSO CHOCA. É ABSOLUTAMENTE ARTIFICIAL, ENTÃO NÃO RARO OS MOTORISTAS DE TÁXI ME PERGUNTAM, ELES NÃO CONSEGUEM DIZER DA ONDE EU SOU. "O SENHOR ME PARECE QUE É EUROPEU", ME DISSE UM MOTORISTA OUTRO DIA, "ME PARECE QUE É EUROPEU". SIM, SOU EUROPEU. DA ORIGEM SOU.</p>
<p>SONORA - VALENTINA POMBA</p> <p>GC: VALENTINA POMBA - TURISMÓLOGA</p> <p>ENQUADRAMENTO EM PLANO MÉDIO</p>	<p>QUANDO CHEGUEI AQUI O PESSOAL ERA MUITO FECHADO, O MANEZINHO DA ILHA, QUEM É MORADOR, AINDA MAIS PORQUE EU ESTUDEI NUM COLÉGIO QUE ERA DE PESSOAS DAQUI, MORADORES DAQUI, E ESSA INFORMALIDADE DAS PESSOAS, DE VOCÊ CONVIDAR E ELAS NÃO VIREM PARA CÁ. VOCÊ, SEI LÁ, PREPARAVA ALGUMA COISA, A PESSOA DIZIA "VOU" E NÃO</p>

	<p>APARECIA, OU NUNCA TE LIGAVA, NÃO TINHA ESSA INICIATIVA. E LÁ O ARGENTINO É UM POUCO DIFERENTE, JÁ É MAIS DE SAIR. VOCÊ NÃO PRECISA LIGAR PARA A PESSOA. "AH, ESTOU INDO. ESTOU INDO TOMAR UM CHIMARRÃO", UM MATE, NÉ, COMO A GENTE FALA.</p>
<p>SONORA - KAREN WIDLA E MARIA LAURA WIDLA</p> <p>ALTERNA COM ENQUADRAMENTO EM PLANO MÉDIO E CONTRA-PLANO ABERTO EM PRETO E BRANCO</p>	<p>"LEMBRANÇA DE MISSIONES". É DE LÁ QUE A GENTE VÊM. É A PROVÍNCIA? ISSO. FOI UMA DAS PRIMEIRAS TÉRMICAS QUE A GENTE TEVE. A GENTE PEGOU MUITA PRAIA COM ELA. ENTÃO NÃO TEM COMO DESAPEGAR. AQUI NO BRASIL A GENTE USOU ELE, DÁ PARA VER, NÉ? AOS DOMINGOS, A MINHA MÃE ACORDAVA CEDO. QUEM ACORDA ÀS SETE HORAS DA MANHÃ NO DOMINGO?</p> <p>SOBE SOM - TRILHA SONORA</p> <p>A MINHA MÃE. AÍ ELA COMEÇAVA A GRITAR "MATE!", AÍ A GENTE ACORDAVA "AI, CADÊ MEU MATE?". BEM ASSIM COMO ESTOU FALANDO, SE MINHA MÃE ALGUM DIA VIER AQUI ELA VAI FALAR QUE FOI BEM ASSIM.</p> <p>DESCE SOM</p>

<p>MOMENTO 3 - ESTEREÓTIPO, PRECONCEITO E DESAFIOS</p> <p>SONORA - GABRIEL FERRAUDO</p> <p>GC: GABRIEL FERRAUDO - PROGRAMADOR</p>	<p>AQUI SE VOCÊ NÃO TEM CARRO É DIFÍCIL. EXATAMENTE. SÓ SE VOCÊ ARRUMAR AMIGOS DO BAIRRO ONDE VOCÊ MORA, NÉ. MAS, POR EXEMPLO, A MAIORIA DOS MEUS AMIGOS BRASILEIROS MORAM NO CONTINENTE OU NO CENTRO DE FLORIANÓPOLIS, ENTÃO, "AH, NÃO TEM NADA PARA FAZER AGORA, VAMOS LÁ TOMAR UM CHIMARRÃO". EU TENHO QUE PEGAR UM ÔNIBUS, IR ATÉ O CONTINENTE, DEMORO DE DUAS A TRÊS HORAS, ENTÃO VOCÊ ACABA FICANDO EM CASA.</p>
<p>SONORA - EDUARDO GALEANO</p> <p>GC: EDUARDO GALEANO - PROFESSOR</p> <p>ALTERNA COM ENQUADRAMENTO EM PLANO MÉDIO E CONTRA-PLANO ABERTO EM PRETO E BRANCO</p>	<p>EU SEMPRE TENHO A SENSAÇÃO DE SER ESTRANGEIRO. PARECE QUE ESTOU DE FÉRIAS ÀS VEZES. VOU PARA CASA, PASSO PELA BEIRA MAR E FALO "NOSSA, ESTOU MORANDO AQUI EM FLORIANÓPOLIS", MESMO APÓS 20 ANOS MORANDO AQUI, EU TENHO ESSA SENSAÇÃO. NÃO SOFRI NENHUM TIPO DE PERSEGUIÇÃO, PRECONCEITO OU ALGO ASSIM QUE EU POSSA FALAR "OLHA, SE NÃO FOSSE PELA MINHA ESPOSA EU NÃO MORARIA AQUI". NÃO, PELO CONTRÁRIO.</p>

<p>SONORA - ROBERTO MEZA NIELLA</p> <p>GC: ROBERTO MEZA NIELLA-</p> <p>PERITO CRIMINAL</p> <p>ENQUADRAMENTO EM PLANO MÉDIO</p>	<p>EU CONHEÇO SIM, HISTÓRIAS DE PESSOAS QUE DE CERTA MANEIRA FORAM DISCRIMINAS PELO FATO DE SEREM ARGENTINAS, MAS EU PARTICULARMENTE NUNCA, NUNCA. EU NÃO SEI SE TAMBÉM O AMBIENTE NO QUAL EU ME DESENVOLVO OU DE REPENTE TAMBÉM PELO FATO DE QUE PRATICAMENTE MEU DIA A DIA É COM BRASILEIROS. O MEU CONTATO COM ARGENTINOS HOJE EM DIA É POUCO.</p>
<p>SONORA - LAURA RODRIGUEZ</p> <p>ENQUADRAMENTO EM PLANO MÉDIO</p>	<p>EU NUNCA TINHA SOFRIDO DISCRIMINAÇÃO AQUI. AQUI E EM LUGAR NENHUM. NO ANO PASSADO EU TRABALHAVA NUM HOSPITAL NO CENTRO E FOI MUITO RUIM</p> <p>SOBE SOM - TRILHA SONORA</p> <p>ACHO QUE FOI A PIOR EXPERIÊNCIA QUE EU TIVE AQUI. MAS EU NÃO PENSAVA EM VOLTAR PARA BUENOS AIRES POR CAUSA DISSO, MAS FOI UM ANO RUIM. OLHA, ESTOU FALANDO E JÁ FICO EMOCIONADA, NÃO FOI UM ANO BOM POR CAUSA DISSO. ACABEI SAINDO DO TRABALHO, PASSEI UMA EXPERIÊNCIA SUPER, SUPER RUIM. <i>MAS EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS DO TRABALHO?</i> SIM. UMA PESSOA EM ESPECIAL. SÓ QUE NINGUÉM FAZIA NADA, DAÍ EU NÃO ENTENDIA COMO PODIA SER DESSE JEITO. ELA GRITAVA</p>

	<p>O TEMPO TODO, NÃO QUERIA QUE EU FOSSE CONTRATADA POR SER ARGENTINA, ELA BATIA EM MIM, EU TIVE QUE FAZER B.O. FOI MUITO RUIM, MAS PASSOU. NÃO VOU FALAR DOS DEMAIS BRASILEIROS, AO MENOS DE FLORIANÓPOLIS, PORQUE EU GOSTO MUITO DAQUI. FOI A MINHA ÚNICA EXPERIÊNCIA RUIM AQUI.</p> <p>DESCE SOM</p>
<p>SONORA - KAREN WIDLA E MARIA LAURA WIDLA</p> <p>GC: KAREN WIDLA - ESTUDANTE</p> <p>ALTERNA COM ENQUADRAMENTO EM PLANO MÉDIO E CONTRA-PLANO ABERTO EM PRETO E BRANCO</p>	<p>EU APANHEI NA ESCOLA POR SER ARGENTINA. EU NÃO VOU CITAR A ESCOLA PORQUE ELES ME RECEBERAM MUITO BEM LÁ. FOI FORA DA ESCOLA. MENINAS QUE EU NÃO CONHECIA, ELAS ME PEGARAM FORA DA ESCOLA E ME BATERAM, SEM SABER O MEU NOME. POR SER ARGENTINA. FAZ QUATRO ANOS. E ANO PASSADO TAMBÉM. <i>FOI BEM NO COMEÇO.</i> BEM NO COMEÇO. E NO ANO RETRASADO, UM ANO DEPOIS QUE EU VIM, EU PASSEI POR ISSO E TIVE QUE MUDAR DE ESCOLA, ACONTECEU A MESMA SITUAÇÃO. MAS AGORA, POR EXEMPLO, ESSE ANO TEM UM PESSOAL QUE EU JÁ SABIA QUE IA ANDAR COM ELES. E TENHO AMIGOS FORA TAMBÉM, QUE SÃO MUITO LEGAIS, DE OUTRAS ESCOLAS, QUE AINDA FALAM "AH, GRINGA, VOLTA! A GENTE ESTÁ COM SAUDADE". É MUITO BOM</p>

	<p>ISSO, SAIR DE UMA ESCOLA ASSIM.</p>
<p>SONORA - VALENTINA POMBA E GABRIEL FERRAUDO</p> <p>GC: VALENTINA POMBA - TURISMÓLOGA</p> <p>ENQUADRAMENTO EM PLANO MÉDIO</p>	<p>MAS A QUESTÃO DAS AMIZADES ASSIM...ISSO PESA MUITO. MAS TAMBÉM, VOCÊ NÃO PODE TER TUDO. A VIDA É ASSIM, VOCÊ GANHA DE UM LADO E PERDE DO OUTRO. A VIDA É ASSIM, ENTÃO TEM QUE ACEITAR.</p>
<p>SONORA - RAUL ANTELO</p> <p>GC: RAUL ANTELO - PROFESSOR</p> <p>ENQUADRAMENTO EM PLANO MÉDIO</p>	<p>MUITAS VEZES ESSA PRETENZA RIVALIDADE NÃO PASSA DE UMA BRAVATA MEIO INFANTIL, EM BUSCA DE AFIRMAÇÃO E MUITAS VEZES EU DECIDO IGNORAR. QUANDO ME LANÇAM ALGUMA FRASE QUE EU PERCEBO QUE É DITA COMO PARA CUTUCAR, FERIR, INCOMODAR...RESOLVO SER SURDO. TIPO, "AH NÃO ENTENDI", "AH, É COMIGO?", PORQUE NÃO VALE A PENA, QUER DIZER, EU ACHO QUE COM O CORRER DOS ANOS A GENTE VAI CONSTRUINDO CONTEXTOS DE INTERPRETAÇÃO COMUNS, COMPARTILHADOS, ISSO É MUITO MAIS IMPORTANTE DO QUE ESSAS RIVALIDADES DE</p>

	SER MELHOR OU PIOR NISSO OU NAQUILO, NÉ.
<p>SONORA - MONICA MARCON</p> <p>GC: MONICA MARCON - ARTESÃ</p> <p>ALTERNA COM ENQUADRAMENTO EM PLANO MÉDIO E CONTRA-PLANO EM PRETO E BRANCO</p>	<p>POR ALGUMA RAZÃO O NATIVO NÃO QUER MAIS, ENTENDEU? OU SEJA, ELE QUER QUE O TURISTA ARGENTINO, SEI LÁ, VENHA, DEIXE O DINHEIRO E VÁ EMBORA. E VOLTE PARA A SUA CASA! ENTÃO ÀS VEZES ENCONTRO, POR EXEMPLO, ESTOU NO PONTO DE ÔNIBUS RECLAMANDO PORQUE O ÔNIBUS NÃO CHEGA, JÁ ME ACONTECEU UMA VEZ, PORQUE VOCÊ FICA ESPERANDO O ÔNIBUS, ENTÃO EU TAMBÉM. EU FAÇO PORQUE AQUI PARA MIM É O MEU LUGAR, MINHA TERRA, E FAÇO AQUI, FAÇO NA ARGENTINA, A GENTE RECLAMA, NÉ? E ÀS VEZES SAI ALGO ASSIM "NÃO ESTÁ GOSTANDO, GRINGA? VOLTA PARA A TUA TERRA", COMO SE FOSSE...MAS ELE TAMBÉM NÃO ESTÁ GOSTANDO. NINGUÉM GOSTA DE FICAR ESPERANDO POR UMA HORA UM ÔNIBUS QUE NÃO CHEGA E A PESSOA ESTÁ PERDENDO TEMPO, ENTENDEU?</p>
<p>SONORA - GUILLERMO GROSSI</p> <p>GC: GUILLERMO GROSSI - FREELANCER</p>	<p>QUANDO EU MORAVA NA ARGENTINA...SOU DE BUENOS AIRES, MAS MOREI SEIS ANOS EM MENDOZA; SÃO MIL QUILOMETROS AO OESTE, E O POVO TAMBÉM É BEM DIFERENTE, É MAIS FECHADO. COMO ACONTECE</p>

<p>ALTERNA COM PLANO AMERICANO E CONTRA - PLANO AMERICANO EM PRETO E BRANCO</p>	<p>TAMBÉM NA MAIORIA DAS CAPITAIS DO MUNDO, O PESSOAL DO INTERIOR, ATÉ ÀS VEZES TEM ESSE PRECONCEITO COM O PESSOAL DA CIDADE GRANDE. ENTÃO ME SENTI ATÉ MAIS DISCRIMINADO NA MINHA PRÓPRIA TERRA, NO MEU PRÓPRIO PAÍS, EM OUTRA CIDADE, PORQUE EU ERA AQUELE QUE VINHA DE BUENOS AIRES, PORTENHO, QUE NINGUÉM GOSTA.</p>
<p>SONORA - GABRIEL FERRAUDO E VALENTINA POMBA</p>	<p>O ARGENTINO TEM A FAMA, NÉ, EU NÃO VOU FALAR QUE NÃO, DE ARROGANTE, DE "AH, ELES SÃO OS MELHORES", SÓ QUE É CERTA REGIÃO DA ARGENTINA QUE É ASSIM. NÃO VOU FALAR ISSO PARA NÃO OFENDER NINGUÉM. NÃO OCASIONAR PROBLEMAS. MAS NÃO É TODO MUNDO TAMBÉM, NÃO. NÃO VOU FALAR QUE TODO MUNDO DE LÁ É ASSIM, MAS GERALMENTE É ASSIM. AH, É ARGENTINO! GERALMENTE QUANDO VOU PARA OS TREINAMENTOS, QUE ESTOU VIAJANDO, GERALMENTE EU FALO "SOU ARGENTINO, MAS SOU GENTE BOA, TA?".</p> <p>SOBE SOM - TRILHA SONORA</p>
<p>SONORA - CLAUDIO BUDNIKAR</p> <p>GC: CLAUDIO BUDNIKAR - PROFESSOR</p>	<p>EU TRABALHEI 12 ANOS LADO À LADO COM UMA MOÇA QUE USAVA OS PROGRAMAS QUE EU DESENVOLVIA.</p> <p>CONSTANTEMENTE ELA ME PERGUNTAVA "CLAUDIO, COMO É QUE EU FAÇO ISSO? " E EU FALAVA "FAZ COMO VOCÊ</p>

QUISER". UMA VEZ, DUAS VEZES, E MAIS OU MENOS OITO ANOS DEPOIS DE TRABALHAR COM ELA, UM DIA ELA ESTAVA MUITO ESTRESSADA E QUANDO EU FALEI ISSO ELA ME DISSE "PORQUE VOCÊ SEMPRE ME RESPONDE ASSIM, PORQUE É SEMPRE TÃO GROSSO COMIGO?"

DESCE SOM

E EU PERGUNTEI "O QUE ACONTECEU?" E ELA "VOCÊ É GROSSO COMIGO" E EU "MAS PORQUE?", ELA DISSE "EU PERGUNTO ALGO E VOCÊ DIZ 'FAZ COMO VOCÊ QUISER' ". EU PERGUNTEI "COMO EU TENHO QUE DIZER?", "ALGUMA VEZ VOCÊ PODIA DIZER 'É VOCÊ QUE SABE' ". BOM, EM ESPANHOL É EXATAMENTE AO CONTRÁRIO, OU SEJA, SE EU FALO PARA ALGUÉM "É VOCÊ QUE SABE" QUE É "VOS SABES" É AGRESSIVO. E SE EU FALO "HACES LO QUE QUIERAS", QUE SIGNIFICA "FAÇA O QUE VOCÊ QUISER", É AGRADÁVEL. MAS SABE QUAL É A ENORME DIFERENÇA QUE EU ENCONTRO ENTRE BRASILEIRO E ARGENTINO NESSE CASO? É QUE O BRASILEIRO ESTEVE OITO ANOS ENGOLINDO ISSO, ATÉ QUE EXPLODIU. O ARGENTINO NÃO VAI ENGOLIR NEM UM SEGUNDO. QUANDO ENCONTRA

	<p>VAI DIZER "PORQUE VOCÊ ESTÁ FALANDO ASSIM COMIGO?" E O OUTRO VAI RESPONDER ATÉ QUE FIQUE CLARO. MAS O QUE ACONTECE, ESSE COMPORTAMENTO, PARA O BRASILEIRO, É GROSSO, PERGUNTAR NA HORA. MAS PARA O ARGENTINO TAMBÉM É MUITO DIFÍCIL TOLERAR ESSA INSEGURANÇA DE QUE UMA PESSOA NUNCA ESTÁ FAZENDO ALGO CERTO OU ERRADO PORQUE O OUTRO SEMPRE DIZ QUE ESTÁ TUDO BEM. ATÉ EXPLODIR. QUANDO SE PROVOCA A EXPLOSÃO SAI A VERDADE. A VERDADE É QUE ELA ESTAVA OFENDIDA PELA MANEIRA QUE EU RESPONDIA, MAS NÃO COMENTAVA COMIGO, E EU CONTINUAVA COMETENDO O ERRO PORQUE NÃO SABIA. AGORA SEI.</p>
<p>SONORA - SANDRA SARAVIA</p> <p>GC: SANDRA SARAVIA - ARQUITETA</p>	<p>O ARGENTINO TEM FAMA DE SOBERBO, NÉ, E EU CONSTANTEMENTE TENHO QUE ESTAR DEMONSTRANDO QUE EU NÃO SOU ASSIM. ISSO EU SINTO, COMO SE JÁ TIVESSE O TÍTULO E A GENTE TEM QUE.... POR AÍ, EU ANTES FAZIA BRINCADEIRAS QUE JÁ NÃO FAÇO POR CAUSA DISSO, OU SEJA, SE UM BRASILEIRO FAZ A MESMA BRINCADEIRA, NÃO É MAL INTERPRETADO, MAS SE UM ARGENTINO FIZER PODE CHEGAR A SER MAL INTERPRETADO, ENTÃO EU ME POLICIO MUITO COM ISSO.</p>

MOMENTO 4 - ENCONTROS

**SONORA - ROBERTO
NIELLA MEZA**

**IMAGENS - BANDEIRAS
ARGENTINA E BRASILEIRA
LADO A LADO/
ARGENTINOS CANTANDO O
HINO BRASILEIRO E O
HINO ARGENTINO EM
FESTA QUE COMEMORA O
INÍCIO DO PROCESSO DE
INDEPENDÊNCIA DO PAÍS**

ARTE - GCS

Comemoração do 25 de maio: data que marcou o início do processo de independência da Argentina 1810.

O processo de emancipação do país terminou em 9 de julho de 1816 com a assinatura da declaração de independência.

Em 2016 os argentinos comemoraram o bicentenário deste fato histórico.

EU FAÇO PARTE DE UM GRUPO DE ARGENTINOS EM FLORIANÓPOLIS. EU PARTICIPO DE ALGUMAS REUNIÕES QUE FAZEM UMA OU DUAS VEZES POR ANO, QUE SÃO "MATEADAS", QUE A GENTE SE REÚNE PARA COMEMORAR O DIA 25 DE MAIO.

SOBE SOM AMBIENTE - HINO NACIONAL BRASILEIRO/HINO NACIONAL ARGENTINO

DESCE SOM AMBIENTE

<p>MOMENTO 5 - FLORIANÓPOLIS COMO O SEU LUGAR</p> <p>SONORA - RICARDO AGUERO</p> <p>GC: RICARDO AGUERO - DIRETOR DO COSTÃO GOLFE</p>	<p>HOJE EU TENHO TRÊS NETOS LINDÍSSIMOS EM BUENOS AIRES. MEUS FILHOS ESTÃO LÁ, MEUS AMIGOS, MINHAS COISAS, MEU HOGAR, MEU LAR, DESCULPA, PARA SER MAIS ESPECÍFICO, ESTÁ EM BUENOS AIRES. MAS AQUI EM FLORIANÓPOLIS ENCONTREI MEU ESPAÇO, ENCONTREI MEU LUGAR. EU ADORO FLORIANÓPOLIS, ACHO QUE AS PESSOAS AQUI SÃO DEMAIS, SÃO EXTRAORDINÁRIAS, A PAISAGEM, O CLIMA.</p>
<p>SONORA - ROBERTO MEZA NIELLA</p> <p>GC: ROBERTO MEZA NIELLA - PERITO JUDICIAL</p> <p>ENQUADRAMENTO EM PLANO MÉDIO</p>	<p>PENSAR EM IR EMBORA SÓ NA MINHA APOSENTADORIA. MEU SONHO É MORAR NA PATAGÔNIA, ARGENTINA, MAS ASSIM, FUTURAMENTE. POR ENQUANTO NÃO PENSO. JÁ TIVE OPORTUNIDADES DE VOLTAR PARA A ARGENTINA, JÁ ME OFERECERAM PROPOSTA DE EMPREGO LÁ. TIVE A</p>

	OPORTUNIDADE DE TRABALHAR EM OUTROS PAÍSES TAMBÉM, MAS SEMPRE FUI, FIQUEI UM TEMPO E VOLTEI.
<p>SONORA - LAURA RODRIGUEZ</p> <p>GC: LAURA RODRIGUEZ - GRAFÓLOGA FORENSE</p> <p>ENQUADRAMENTO EM PLANO MÉDIO</p>	HOJE EU ACHO QUE JÁ TENHO MEU LUGAR AQUI, NÃO SEI SE CONSEGUIRIA MORAR EM OUTRO LUGAR DEPOIS, PORQUE EU GOSTO MUITO DAQUI. EU GOSTO MUITO. NÃO IMAGINO, NÃO SEI, NÃO PODE FALAR "NUNCA", MAS NESSE MOMENTO NÃO ME IMAGINO MORANDO EM OUTRO LUGAR. NÃO SEI, MORAR EM BUENOS AIRES NEM PENSAR. NÃO ME IMAGINO MORANDO LÁ DE NOVO, EU GOSTO DAQUI.
<p>SONORA - GUILLERMO GROSSI</p> <p>ALTERNA COM ENQUADRAMENTO EM PLANO AMERICANO E CONTRA-PLANO AMERICANO EM PRETO E BRANCO</p>	ACHO QUE DESDE QUE CHEGUEI QUE SENTI QUE ERA O LUGAR ONDE EU QUERIA MORRER MESMO. JÁ ANDEI BASTANTE E É AQUI ONDE QUERO FICAR MESMO.
<p>IMAGEM - CHEGADA EM FLORIANÓPOLIS PELA PONTE PEDRO IVO CAMPOS</p>	<p>SOBE SOM TRILHA SONORA</p> <p>DESCE SOM TRILHA SONORA</p>
<p>SONORA - MARCELA IZRAELSON</p> <p>GC: MARCELA IZRAELSON - PROFESSORA</p>	BOM, ESTAMOS AQUI EM FLORIPA, FINALMENTE. FAZ UM MÊS QUE CHEGAMOS, COM ROGER, MEU NAMORADO, ELE É PAULISTANO. NOS CONHECEMOS NA ARGENTINA E ESTÁVAMOS PROCURANDO LUGARES NO BRASIL PARA VIRMOS MORAR, COM MELHOR QUALIDADE DE VIDA, PERTO DAS PRAIAS, E ESCOLHEMOS FLORIPA. ESTAMOS AQUI FAZ

	<p>QUASE UM MÊS, FELIZES. NÓS DOIS JÁ CONSEGUIMOS TRABALHO, ELE ESTÁ TRABALHANDO NO SANTINHO E EU ESTOU DANDO AULAS DE INGLÊS PARA BRASILEIROS. E COM CERTEZA, COMO PENSÁVAMOS, A QUALIDADE DE VIDA É MUITO MELHOR, ESTAMOS FELIZES, É TUDO MAIS CALMO, MAIS SIMPLES, MAIS TRANQUILO, PERTO DO MAR, LINDO, AS PESSOAS SÃO LINDAS. ENTÃO, ¡CHE, FLORIPA! VOCÊ ME ENCANTOU! TE AMO! ESTAMOS MUITO FELIZES! OBRIGADA.</p>
<p>EFEITO VISUAL - BLACK ARTE - GCS TÍTULO: ¡CHE, FLORIPA! IMAGENS - PRAIA DE CANASVIEIRAS NO VERÃO/SOMBRA DOS AUTORES DO DOCUMENTÁRIO CAMINHANDO NA AREIA DA PRAIA/ CRÉDITOS DO DOCUMENTÁRIO Produção, roteiro e entrevistas Mateus Boaventura e Taynara Macedo Orientação Prof.^a Dr.^a Cárlida Emerim Imagens e edição Mateus Boaventura e Taynara Macedo</p>	<p>SOBE SOM - TRILHA SONORA</p>

Trilha sonora
Kibitka: O acordeón
soíño

Finalização
Renata Bassani e
Thales Camargo

Agradecimentos
Ardi Weingast
Artur Felipe Figueira
Carlos Alberto
Ferreira
Fernando Bellincanta
Begnini
Gabriel Neves
Horacio Martin
Igor Vinícius Reynaldo
Tibúrcio
Pablo Delgado

Agradecimentos
especiais
Universidade Federal
de Santa Catarina
(UFSC)
Laboratório de
Telejornalismo da UFSC
Secretaria de Relações
Internacionais da UFSC
Programa Escala
Estudantil da
Associação de
Universidades Grupo
Montevideo (AUGM)
Universidad Nacional
del Nordeste (UNNE)
Consulado Argentino em
Florianópolis

EFEITO VISUAL - BLACK
Brasão da UFSC

DESCE SOM - TRILHA SONORA

Departamento de Jornalismo Julho de 2016	
--	--

